

é preciso não se antecipar a julgar os homens.

é preciso dar-lhes crédito até no absurdo.

até na borra.

Antonin Artaud (A Perda de Si, 2017)

Esta é a segunda vez que sou convidada a escrever uma apresentação para a Revista Escrita. Sempre fico muito tocada. Não apenas porque sinto-me mais perto do que vocês agitam e realizam, o que é fundamental, além de muito bom. Mas também porque sou remetida a esse olhar que atravessa tempos. E posições. Fundei essa Revista quando estava no meu mestrado em 1996. Com os meus colegas. Chamei para fazer a capa uma amiga que fazia a faculdade de Design - a Majoi Aina Vogel. Naquele momento a troca foi intensa entre os cursos de Psicologia, Artes e Letras da PUC-Rio. Fizemos Seminários juntos. E acreditávamos que a arte era o lugar por excelência da transformação subjetiva... Muita coisa mudou. Mas ainda assim quando vejo a potência diversa e múltipla desses ensaios, objetos e discussões propostos, penso: algo reside aqui que enceta esse desejo transformador. Hoje quiçá sem nome ou partido. Ou feito de tantas bandeiras que uma nota só não mais o reúne. Mas investidos todos dessa potência que descortina modos de ligação – laços – que configuram numa determinada sociedade e tempo o nosso olhar juntos – em separado.

Fazer da vida essa ‘enquete’ de ideias, poemas, críticas, conceitos e questões é certamente se afastar do ‘não estou nem aí’ que vigora como regra primordial desse esmagamento que a lógica do capital exige de nós.

Logo, tomo a impossibilidade de encontrar vértices que amarrem os diferentes artigos e intervenções [notem que nem mesmo artigo é o definidor dos textos que vocês lerão aqui] como um ponto forte desse número - em proveito da diferença. Tomo também a impertinência de não fazer do pensamento crítico um alinhar-se às escolas. São muitas as teorias e as dicções conceituais aqui reunidas. Sob esse aspecto tranquilizo-me – e penso: estamos indo na boa direção!

As diferenças desse número da Revista Escrita são palpáveis não apenas pela diversidade de seus objetos: capas de discos, cadernetas, textos teóricos, performances, o velho e bom texto literário, poesia, cinema expandido, autoficção e ensaio. Mas também e sobretudo pela forma que faz com que o objeto altere a percepção ou a estabilidade do próprio eixo de construção do texto de cada um dos autores.

Sob esse aspecto insurge aqui e ali a presença de uma noção de escrita, que eu mesma já chamei como sendo ‘uma escrita fora de si’ (KIFFER, 2014) e que tenta ater-se à materialidade do meio (o *milieu*) sobre o qual nos debruçamos, mas ao mesmo tempo não se limita mais à forma escriturária como definidora dos seus contornos. Um quadro ou um conjunto de fotografias, ou mesmo uma escritura digital ou a passagem dos corpos no espaço ou ainda uma cartografia da cidade emergem como escritas. Não me parece que tratar essas diferentes composições como escrita remeta-nos ainda e/ou necessariamente à velha hermenêutica, e por conseguinte à ‘leitura crítica’ de cada um dos autores aqui reunidos. Ao menos não foi isso que eu vi. Também não vem sendo isso que proponho quando falo dessa convulsão que em meados do século XX começou a tremer o solo da letra e a levar o texto para uma dimensão escriturária e material fora do próprio texto, que a noção de escrita e de escrita fora de si tenta aqui e ali acolher... De fato, vocês verão, muitos textos assumem a sua vocação performática ou demoram-se na impossibilidade de estabilizarem-se em propostas definitivas. Tudo isso, que também faz parte dos processos de formação da pesquisa e do pesquisador, deve ser também lido e absorvido enquanto instabilidade criadora das nossas possibilidades de aproximação hoje aos objetos e aos pensamentos que encetamos.

Tudo o que tornará a aventura de vocês ‘leitores [?]’ ainda mais viva e por isso também mais tumultuada, fazendo com que sejam, por um instante ao menos, mais um desses corpos transeuntes que se inscrevem na cartografia aberta desse livro, cidade, mundo, língua, máquina, casa, rua, deserto ou mar.

Parabéns aos autores. E que as letras proliferem nas mãos que as tocarem. Quem sabe aqui e ali queimadas por um instante por fim intensivo – e já não apenas intransitivo – de amar [com] a palavra.